


*Catequese do Card. João Tempesta,
arcebispo do Rio de Janeiro (Brasil)*



EUCARISTIA: FONTE DO AMOR EM AÇÕES

BRESUMO

A Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, vive a experiência pastoral desafiadora de uma grande cidade brasileira, caracterizada pela diversidade étnica, cultural, social, econômica e religiosa. Nesse contexto, Eucaristia, Sacramento da unidade na Igreja, é uma poderosa força de unificação em nossa missão pastoral, que tem a responsabilidade de evangelizar uma população de mais de seis milhões de habitantes. A partir da reunião do nosso povo em torno da Mesa da Palavra e do Pão, realizamos atividades de promoção humana e social, de forma a testemunhar em ações o amor de Deus por nós, que se manifestou na encarnação do próprio Filho.

INTRODUÇÃO

À sede do coração humano corresponde o Verbo feito carne, feito companhia. Esta presença tem um efeito totalizante: o ser humano inteiro e todos os seres humanos. Uma vez integrados na comunhão com Aquele que traduz e revela na integralidade o desejo misericordioso para o qual fomos criados, percebemo-nos participantes da força transformadora de Deus no mundo.

A primeira parte do texto identifica a correspondência entre o desejo do coração humano por Deus e o desejo gratuito de Deus pelo homem que, despojando-se da sua majestade, faz-se um de nós. Mais do que isso, torna-se alimento que nos congrega e nos transforma participantes da sua ação no mundo.

A segunda parte mostra a necessidade de transformação que o mundo tem e o conseqüente chamado de todos os batizados que, como conse-

quência deste pertencer a Cristo, são fermento na massa. A Arquidiocese do Rio de Janeiro vive esta experiência e manifesta, por isso, a Misericórdia de Deus transbordada em ações pelos mais frágeis nas dramáticas periferias humanas de um grande centro urbano.

A terceira parte identifica como síntese perfeita do amor Eucarístico em ações: Maria, a mãe da Igreja. Sua perfeita comunhão com Cristo manifesta na dramaticidade da vida cotidiana a própria identificação na Misericórdia divina.

PARTE I

Eucaristia: Correspondência ao desejo do coração humano

*Minha alma tem sede de vós, minha carne também vos deseja,
como terra sedenta e sem água! (Sl 62, 2)*

Neste mundo secularizado em que vivemos, o grito do salmista ecoa hoje com impressionante atualidade. São tantos aqueles que vivem em situação de carência. Carências de ordem material, moral e espiritual caracterizam a imensa pobreza com a qual nos deparamos e somos chamados a enfrentar, atendendo ao chamado do Mestre que nos pede: “*dai-lhes vós mesmos de comer*” (Mt 14,16). Mas, da mesma forma que os Apóstolos, a nossa limitada capacidade é desproporcional para suprir as inúmeras necessidades do povo: “*só temos cinco pães e dois peixes*” (cf. Mt 14, 17). Entretanto, essa incapacidade, longe de ser um desestímulo para a Igreja que caminha, é antes o sinal da Misericórdia do Senhor, que realiza, através da nossa pobre humanidade, o Encontro com o ser humano, faminto e sedento. De fato, “*entre Ele e nós, a desigualdade é infinita*” (CIC 2007).

Mudança de Época

A Conferência de Aparecida ressaltou a mudança de época à qual estamos inseridos e que é caracterizada pela perda da concepção integral do ser humano e, conseqüentemente, da sua relação com Deus, com o mundo e o próximo (cf. DAp 44). Parece ao homem de hoje, que aquela sede e fome que traz dentro de si, pode ser saciada pelo consumo. Pessoas e coisas são, por isso, consumidas como objetos de um individua-

lismo disseminado que, longe de saciar, aumenta ainda mais a angústia, provocando no mundo uma desordem e um desequilíbrio (cf. LS 204).

Da mesma forma que a Samaritana, busca-se no consumo, uma saciedade enganadora – *“tiveste cinco maridos, e o que tens agora não é teu”* (Jo 4, 18) – mas que no fundo não é realmente capaz de satisfazer; a sede inerente ao ser humano permanece – *“dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede”* (Jo 4, 15). De fato, o ser humano *“permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor”* (RH 10).

Entretanto, a sede manifestada pelo Senhor ao pedir à Samaritana, *“dá-me de beber!”* (Jo 4, 8), denota a Sua sede pelo coração humano. Será o mesmo desejo expresso do alto da Cruz: *“Tenho sede!”* (Jo 19, 28). Assim o Senhor manifesta o seu protagonismo no relacionamento com o ser humano. Do encontro desta Sede – expressão da Misericórdia do Seu Coração – com a sede do coração humano – feito para Deus – brota uma transformação, emanada daquela correspondência original, que transborda em testemunho: *“Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram em Jesus por causa da palavra da mulher que testemunhava”* (Jo 4, 39). Assim, não somos nós que nos justificamos *“pelas nossas obras ou pelos nossos esforços, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa”* (GE 52).

A redução do chamado

De certa forma, esta mentalidade mundana e funcionalista dos tempos atuais acaba por penetrar também a expressão religiosa, onde busca-se a fé de maneira imediatista, num interesse, apenas, pela obtenção de resultados próprios.

Neste sentido, o Papa Francisco nos chama a atenção para a tentação de um certo tipo de pelagianismo que surge de forma insidiosa e que *“parece submeter a vida da graça a certas estruturas humanas”* (cf. GE 58), como se Deus obedecesse ao exercício de uma práxis humana.

Ele alerta também para o risco de uma fé subjetivista e desencarnada, que busca *“domesticar o Mistério”* (cf. GE 40) num gnosticismo que *“prefere um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo”* (cf. GE 37), como se o conhecimento humano alcançado pudesse, sozinho, esgotar o entendimento de Deus.

Tudo isso acaba por reduzir a vida da Igreja “*numa peça de museu ou numa propriedade de poucos*” (cf. GE 58), e que não é atraente, porque não é capaz de satisfazer o desejo do coração humano. Porém, “*Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina!*” (EG 11).

Chega até nós então, o eloquente chamado de atenção de Santo Ambrósio: “*E tu vens à igreja, não para dar qualquer coisa a quem é pobre, mas para te aproveitares*” (Cf. DD 71). Assim, prevalece um empobrecimento da vida de comunhão, onde a fé deixa de ser um relacionamento real com a pessoa de Cristo, para ser encarado como mais um tipo de serviço a ser consumido e que não toca a profundidade do coração, que permanece indiferente à vida da Graça. De fato, “*Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo*” (DC 1).

No episódio dos dez leprosos, narrado no Evangelho de São Lucas, encontramos um exemplo esclarecedor de como o encontro com o Senhor pode ser reduzido a um mero interesse funcional. Ali, apenas um, dos dez que foram curados, retornou para agradecer. Este samaritano, como mencionado no Evangelho, percebe que, para além da cura, havia encontrado o significado da própria vida, que se apresentava através daquele rosto humano, concreto, de Jesus. Por isso retorna, estabelecendo um novo tipo de relacionamento com aquela pessoa que transformara a sua vida. Já não era mais suficiente a cura, ele precisava que a sua sede de significado fosse correspondida. “*O mistério do ser humano só se ilumina, de fato, à luz do mistério do Verbo Encarnado*” (GS 22). É neste sentido também, que S. João Maria Vianney exclamava referindo-se à Eucaristia: “*A alma não se pode alimentar senão de Deus. Só Deus pode bastar-lhe. Só Deus pode saciá-la. Fora de Deus não há nada que possa saciar-lhe a fome.*”

Os outros leprosos, já saciados nas suas necessidades imediatas, permaneceram em seu caminho sem deixarem-se transformar por Aquele que os havia encontrado (cf. Lc 17, 11-19). Jesus aqui também manifesta a Sua sede misericordiosa pelo coração humano: “*Não foram dez os curados? E os outros nove, onde estão?*” (Lc 17, 17). O Senhor nos faz

perceber com isso o desejo do seu Coração pela regeneração integral da Sua criatura. O Senhor deseja curar a lepra da nossa humanidade!

Cristo Redentor

A Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro tem a felicidade de ostentar num dos pontos mais altos da cidade a já consagrada imagem do Cristo Redentor de braços abertos. Este sinal, já incorporado à paisagem carioca, é um chamado de atenção para nós. Tanto para o chamado da nossa missão, quanto para a tentação da nossa indiferença. De fato, quantas vezes caminhamos pela cidade sem nos darmos conta deste abraço que nos alcança e que busca alcançar a todos aqueles que mais precisam. É fácil demais deixarmo-nos levar pelo indiferentismo numa espécie de déjà-vu diante da realidade. Parece que tudo vira paisagem e o chamado do Senhor vai tornando-se distante enquanto o maravilhamento pela realidade vai-se esmaecendo. Mas o Senhor é fiel e não nos abandona nas nossas próprias fragilidades. Pelo sopro do seu Espírito traz sempre uma novidade que rompe as barreiras e traduz o Seu chamado num vigor atualizado. Assim, “*não tememos se a terra estremece e se os montes se abalam*” (cf. Sl 46). De fato, “*somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou*” (Rm 8, 37).

Mas, da mesma forma que o povo de Israel alegrava-se pela reconstrução de Jerusalém, nós também podemos dizer: “*não vos aflijais: a alegria do Senhor é a vossa fortaleza!*” (Ne 8,10). É que o Senhor veio ao nosso encontro e restaurou a dignidade humana. Como ensina São João Paulo II:

“A redenção do mundo é, na sua raiz mais profunda, a plenitude da justiça num Coração humano: no Coração do Filho Primogênito, a fim de que ela possa tornar-se justiça dos corações de muitos homens, os quais, precisamente no Filho Primogênito, foram predestinados desde toda a eternidade para se tornarem filhos de Deus e chamados para a graça, chamados para o amor.” (RH 9)

É precisamente este o povo novo chamado a colaborar na reconstrução do mundo: o Corpo de Cristo – a Sua Igreja. A Igreja, portanto, “*permanece na esfera do mistério da Redenção, que se tornou precisamente o princípio fundamental da sua vida e da sua missão*” (RH 7).

Este é o dia que o Senhor fez para nós (Sl 117)

Neste sentido a Igreja não pode ignorar o mundo em que está inserida, considerando “*suas expectativas e seus desejos*” (GS 4). Ao contrário, ela é instrumento desta transformação. A carta a Diogneto narra, já nos primeiros séculos, esta sua característica constitutiva.

Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo (Carta a Diogneto, 6, 1-2).

Os cristãos não são diferentes de ninguém. Mantém-se no mundo, mas não pertencem ao mundo e assim transformam o mundo (cf. Carta a Diogneto, 5). O povo de Deus é o fermento na massa (cf. Lc 13, 21). Iguais a todos, porém portadores de uma novidade absoluta – o sentido concreto da existência.

Na verdade, a Igreja, sendo o Corpo de Cristo, mantém no tempo e na história esta Boa Nova: o Verbo feito carne. De fato, Cristo “*não se apegou ao ser igual a Deus, mas despojou-se, tornando-se semelhante ao ser humano*” (cf. Fl 2, 6-7). Assim, quem o encontrava, via um homem como os demais – “*não é este o filho do carpinteiro?*” (Mt 13, 55). Porém aos olhos da fé, carregava o significado da própria vida – “*meus olhos viram vossa salvação*” (Lc 2, 30).

Eu sou o pão da vida (Jo 5, 35)

O desejo de infinito do coração humano, portanto, descobre a sua perfeita correspondência neste encontro com Jesus. A “*sabedoria eterna – o Logos – tornou-Se verdadeiramente alimento para nós. A Eucaristia arrasta-nos no ato oblato de Jesus. Não só de modo estático que recebemos o Logos encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação*” (cf. DCE 13).

É expressiva a alocação de S. João Crisóstomo a este respeito:

“Com efeito, o que é o pão? É o corpo de Cristo. E em que se transformam aqueles que o recebem? No corpo de Cristo; não muitos corpos, mas um só corpo. De fato, tal como o pão é um só apesar de constituído por muitos grãos, e estes, embora não se vejam, todavia

estão no pão, de tal modo que a sua diferença desapareceu devido à sua perfeita e recíproca fusão, assim também nós estamos unidos reciprocamente entre nós e, todos juntos, com Cristo.”

A Misericórdia de Jesus nos encontra, portanto, hoje como há dois mil anos, e nos convida concretamente a viver o mandamento da unidade do amor a Deus e ao próximo:

A Igreja vive continuamente do sacrifício redentor, e tem acesso a ele não só através de uma lembrança cheia de fé, mas também com um contato atual, porque este sacrifício volta a estar presente, perpetuando-se, sacramentalmente, em cada comunidade que o oferece pela mão do ministro consagrado. Deste modo, a Eucaristia aplica aos homens de hoje a reconciliação obtida de uma vez para sempre por Cristo para humanidade de todos os tempos (EE 12).

Atendendo à missão designada pelo Mestre, que a envia – “Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós” (Jo 20, 21) – a Igreja transforma-se, ela mesma, naquilo que anuncia. Santo Agostinho já explicava que a Eucaristia “nos une ao Corpo do Salvador e nos faz seus membros a fim de que nos transformemos naquilo que recebemos”.

Ela tem, por isso mesmo, a sagrada tarefa de ser pão para todos aqueles que têm fome. A todos que pedem “Senhor, dá-nos sempre desse pão!”, a Igreja se oferece.

Ao entregar à Igreja o seu sacrifício, Cristo quis também assumir o sacrifício espiritual da Igreja, chamada por sua vez a oferecer-se a si própria juntamente com o sacrifício de Cristo (EE 13).

Vinde Senhor Jesus! (cf. Ap 22, 20)

A Eucaristia obriga a todos que dela participam à transformação da vida: sua e do mundo todo (cf. EE 20); antecipando, portanto, a “alegria plena prometida por Cristo; de certa forma, é antecipação do Paraíso” (EE 18). Somos, por isso, portadores da Esperança!

Bento XVI chama a atenção para este aspecto totalizante referente à Eucaristia:

“Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projetando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos « um só corpo », fundidos todos numa única existência” (DCE 14).

Então, este “mistério da fé”, que se celebra todos os dias até a consumação dos tempos, empenha a todos que dele participam num frutificar-se em obras. Não seria concebível uma comunidade reunida verdadeiramente em torno da Eucaristia, que não abraçasse toda a realidade no ímpeto de transformá-la: “a fé sem as obras é morta” (Tg 2,26). De fato, São Paulo qualifica como sendo “indigna de uma comunidade cristã a participação na Ceia do Senhor que se verifique num contexto de discórdia e de indiferença pelos pobres” (EE 20).

Este ímpeto nos é manifestado pelo próprio Cristo no momento do “lava-pés”. Significativamente, antes da primeira Celebração Eucarística, Jesus reafirma o seu despojamento, comunicando aos Apóstolos (e conseqüentemente a nós hoje) a indivisível conexão entre a comunhão sacramental com Ele e a com aqueles que dela participam: “A Eucaristia, construindo a Igreja, cria por isso mesmo, comunidade entre os homens” (EE 24). A esta comunhão todos são chamados a participar, para que “toda língua confesse: ‘Jesus Cristo é o Senhor’, para a glória de Deus Pai” (Fl 2, 11).

Chega aos confins do universo a sua voz (Sl 18, 5)

Esse extraordinário encontro pessoal com o Senhor, que responde aqui e agora às exigências profundas do coração humano, levam necessariamente a anunciá-lo. Ao amor que nos alcança correspondemos com uma vida transformada e que transborda em anúncio: “A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais” (EG 264).

Percebemos, como os discípulos de Emaús, este ímpeto de colocarnos em movimento – “Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém” (Lc 24, 33). Não é mais possível permanecer centrado em si, mas é necessário ir em direção do outro e compartilhar o

acontecimento do encontro: *“encontraram reunidos os onze e os outros discípulos”* (Lc 24, 33).

Assim é para nós hoje o encontro com o Senhor na Eucaristia. Ela *“sempre esteve no centro da vida da Igreja. Por ela Cristo torna presente, no curso do tempo, o seu mistério de morte e ressurreição”* (MN 3) e manifesta-se como luz do mundo. De fato, *“em cada Missa, a liturgia da Palavra de Deus precede a liturgia Eucarística, na unidade das duas ‘mesas’ – a da Palavra e a do Pão”* (MN 12).

Não é por acaso que o arder de seus corações tenha sido provocado durante o encontro com Jesus ressuscitado ao explicar-lhes as Escrituras – *“Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”* – e que seus olhos tenham-se aberto ao “partir o pão” – *“Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram”* (Lc 24, 30-31).

Jesus escandaliza a audiência quando afirma: quem *“come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele”* (Jo 6, 56), passando *“da apresentação fundamental do seu mistério à ilustração da dimensão eucarística propriamente dita”* (MN 12). A este escândalo a resposta de Pedro enfatiza a Palavra que dá significado à vida – *“Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna.”* (Jo 6, 68), fazendo-se assim *“porta-voz da fé dos outros Apóstolos e da Igreja de todos os tempos”* (MN 12).

A Palavra de Deus e a Liturgia Eucarística permanecem intrinsecamente ligadas porque é *“enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia”* (SC 24) e, desta forma, estimulam o ímpeto pelo anúncio que se traduz em obras.

São João Crisóstomo traduz de forma eloquente esta unidade:

“Inclinemo-nos sempre diante de Deus sem o contradizermos, embora o que Ele diz possa parecer contrário à nossa razão e à nossa inteligência; sobre a nossa razão e a nossa inteligência, prevaleça a sua palavra. Assim nos comportemos também diante do Mistério (Eucarístico), não considerando só o que nos pode vir dos nossos sentidos, mas conservando-nos fiéis às suas palavras. Uma palavra Sua não pode enganar.”

Assim, este dom que o Senhor nos participa, ao mesmo tempo nos empenha na sua missão redentora:

“A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o dom por excelência, porque dom d’Ele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação” (EE 11).

Nosso tempo, entretanto, centrado no individualismo, ao mesmo tempo que não é capaz de satisfazer a busca de significado da pessoa humana, também se desdobra numa incapacidade de construir a própria sociedade, como se manifestando uma fraqueza, uma “anemia” social.

“Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem”. (EG 2).

PARTE II

Eucaristia: a força transformadora

Que é o homem, para dele assim vos lembrardes; o filho do homem, para o tratardes com tanto carinho? (cf. Sl 8,5)

7Participantes, portanto, da misteriosa graça de Deus vemo-nos compelidos a exprimi-la nós também. Experimentando ainda que de modo imperfeito, a alegria trinitária, queremos compartilhá-la com o mundo todo.

O Papa Francisco, na Bula *Misericordiae Vultus*, lembra que a Igreja é testemunha da Misericórdia, uma vez que, antecipadamente, já a experimenta:

A Igreja é chamada, em primeiro lugar, a ser verdadeira testemunha da misericórdia, professando-a e vivendo-a como o centro da Revelação de Jesus Cristo. Do coração da Trindade, do íntimo mais profundo do mistério de Deus, brota e flui incessantemente a grande torrente da misericórdia.

A Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, participando desta missão, tem uma fecunda vida em obras de caridade. A cidade, tantas vezes indiferente ao próximo, nesta mudança de época em que vivemos, pode sempre encontrar o olhar misericordioso do Senhor através de todos aqueles que se desdobram em ser presença principalmente junto aos mais fragilizados.

Dos órfãos ele é pai, e das viúvas protetor (Sl 67)

Participamos, portanto, da missão do Filho e do Espírito Santo (cf. DAP 347), pela qual “os cegos vêm, os coxos andam e a Boa nova é anunciada aos pobres” (cf. Mt 11, 5).

O Povo de Deus, porque apaixonado pelo Mestre, busca corresponder àquele Amor Misericordioso pelo qual foi chamado. Demonstramos assim, ainda que de forma imperfeita, esta correspondência, no amor ao próximo. De fato, “se alguém disser ‘amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus a quem não vê” (1 Jo 4, 20).

Desta forma, o amor ao próximo não pode ser reduzido a um mero sentimento. Este poderia ser traduzido como “uma centelha inicial” (cf. DCE 17), mas que, sem o empenho da vontade, viria logo a decair. Na verdade, a partir da comunhão com o Senhor, o nosso querer e o nosso pensar vão transformando-se cada vez mais naquele olhar que Jesus Cristo tem sobre todas as coisas (cf. DCE 17-18).

O Reino de Deus está próximo (Mc 1, 15)

É preciso observar, portanto, o ser humano na sua integralidade. Na verdade, o desenvolvimento humano, “se não é desenvolvimento do homem todo e de todo homem, não é verdadeiro desenvolvimento” (CV 18). É o que afirma Bento XVI, referindo-se à “mensagem central” da Populorum Progressio de São Paulo VI. Assim,

“São sinais evidentes da presença de Deus a vivência pessoal e comunitária das bem-aventuranças, a evangelização dos pobres, o conhecimento e cumprimento da vontade do Pai, o martírio pela fé, o acesso de todos aos bens da criação, o perdão mútuo, sincero e

fraterno, aceitando e respeitando a riqueza da pluralidade e a luta para não sucumbir à tentação e não ser escravos do mal” (DAp 383).

Por isso, são fundamentais para a vida dos cristãos, todos os elementos que possam contribuir para o desenvolvimento humano, sejam eles familiares, sociais, culturais, econômicos e políticos (cf. CV 2).

A Igreja tem, portanto, o dever de anunciar e ajudar a *“libertação de milhões de seres humanos”* e de *“envidar esforços para que ela chegue a ser total”* (cf. EN 30).

É preciso observar, porém, que esta libertação não pode ser reduzida apenas àquelas dimensões anteriores mencionadas (econômicas, políticas, culturais e sociais). Também não pode ser apenas a expressão de *“uma estratégia qualquer, ou de uma práxis ou ainda de uma eficácia de curto prazo”* (cf. EN 33). A libertação, antes de tudo, de forma a considerar a integralidade humana, deve incluir a *“sua abertura para o absoluto”* (cf. EN 33).

Com efeito, sem considerar apaixonadamente o *“anúncio de um Deus que ama infinitamente cada ser humano, que manifestou plenamente este amor em Cristo crucificado por nós e ressuscitado na nossa vida”*, *“cada estrutura eclesial transformar-se-á em mais uma ONG”*, esvaziando o propósito da missão que nos foi delegada por Cristo (cf. QA 64). Deve-se, por isso, estar atento à realidade como ela se apresenta a nós. É preciso que possamos realizar *“obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra. Não pôr em prática, não levar à realidade a Palavra é construir sobre a areia, permanecer na pura ideia e degenerar em intimismos e gnosticismos que não dão fruto, que esterilizam o seu dinamismo”* (EG 233).

Uma só carne (Mt 19, 6)

Dentre os diversos problemas do mundo moderno, é primordial que se considere aqueles enfrentados pela família, uma vez que o *“bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar”* (GS 47). Com efeito, *“a primeira e originária expressão da dimensão social da pessoa é o casal e a família”* (CL 40). Assim, a pressão que *“a dignidade desta*

instituição” (GS 47) vem sofrendo, tem um impacto terrível para a sociedade.

A cultura individualista dificulta enormemente o desenvolvimento da capacidade de ir ao encontro do outro. Em uma família isto também, por vezes, vem a traduzir-se “*numa incapacidade de se dar generosamente*” (cf. AL 33). Esta perspectiva dos “*relacionamentos provisórios*” acaba por disseminar um tipo de vínculo familiar deixado na “*precariedade volúvel dos desejos e das circunstâncias*” (cf. AL 34). Deste modo débil de relacionar-se emerge a dificuldade de perceber a vida como dom, chegando-se ao absurdo de banalizar a “*infâmia do aborto e da eutanásia*” (cf. GS 27).

Neste sentido, é primordial, como destacado pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, que as ações pastorais reflitam um verdadeiro “*esforço evangelizador e catequético*”, numa ligação efetiva com os, “*problemas reais das pessoas*” e não apenas como uma “*preocupação genérica pela família*”. A realidade obriga-nos, portanto, a uma “*conversão missionária*”: o encontro com o Senhor é a “*resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana*” (cf. AL 200-201).

A nossa arquidiocese, ao longo dos anos tem sido uma presença acolhedora para mães e crianças através de inúmeras iniciativas e instituições. É gratificante ver como o Senhor faz surgir cada vez novos meios de alcançar aqueles que são abandonados pela lógica de um mundo individualista. A missão profética também se faz presente. Todo ano a marcha pela vida leva uma multidão pela praia de Copacabana, anunciando que a Misericórdia do Senhor abraça cada momento da vida.

E Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom (Gn 1, 31)

A Igreja peregrina, na sua missão profética, não pode deixar de denunciar tudo aquilo que degrada a dignidade humana. O Concílio Vaticano II, proclamou com total clareza o elenco de abominações que o ser humano é capaz de conceber:

“são infames as seguintes coisas: tudo quanto se opõe à vida, como seja toda a espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas

para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida sub-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho; em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Todas estas coisas e outras semelhantes são infames; ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador” (GS 27).

A vida humana tem um valor intrínseco que só pode ser integralmente compreendida à luz do Verbo encarnado (cf. GS 22). A dignidade do “*ser humano é sempre um valor em si e por si*”, e isto comprova-se “*de maneira radical*” pelo próprio nascimento de Cristo (cf. CL 37). Trata-se, portanto, “*de direitos naturais, universais e invioláveis: ninguém, nem o indivíduo, nem o grupo, nem a autoridade, nem o Estado, pode modificar e muito menos eliminar esses direitos que emanam do próprio Deus*” (CL 38). Assim, o “*respeito pela pessoa humana ultrapassa a exigência de uma moral individual e coloca-se como critério de base, quase como pilar fundamental, na estruturação da própria sociedade, sendo a sociedade inteiramente finalizada para a pessoa*” (CL 39).

Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância (Jo 10,10)
Diante desta “*cultura de morte*” todos os batizados são chamados a pôr-se em movimento, atendendo “*com decisão de vontade, ânimo generoso e disponibilidade de coração à voz de Cristo, que nesta hora os convida com maior insistência, e ao impulso do Espírito Santo*” (CL 2). Em particular estão naturalmente envolvidos em uma ação mais direta “*os pais, os educadores, os agentes da saúde e todos os que detêm o poder econômico e político*” (CL 38).

De forma concreta, a V Conferência do Episcopado Latino Americano e do Caribe – CELAM, reunida em Aparecida, propôs algumas ações, resumidas a seguir (cf. DAp 469):

- a) Promover cursos sobre família e questões éticas para os Bispos e para os agentes de pastorais;

- b) Incentivar estudos universitários de moral familiar, questões éticas e de bioética a presbíteros, diáconos, religiosos e leigos;
- c) Promover fóruns, painéis, seminários e congressos sobre a vida desde a concepção até sua morte natural;
- d) Envolver as universidades católicas na organização de programas de bioética e na tomada pública de posição;
- e) Criar nas Conferências Episcopais um comitê de ética e bioética;
- f) Oferecer formação em paternidade responsável e sobre o uso dos métodos naturais;
- g) Apoiar e acompanhar pastoralmente e com misericórdia tanto as mulheres que decidiram não abortar, quanto aquelas que abortaram, sabendo que o aborto faz duas vítimas: a criança e a mãe;
- h) Promover a formação e ação de leigos na defesa da vida estimulando-os a participarem de organismos nacionais e internacionais.
- i) Assegurar que a objeção de consciência seja incorporada às legislações e respeitada pelas administrações públicas

Por tudo dai graças (1Tes 5,18)

É necessário, portanto, que haja uma mudança cultural na qual o ser humano, a partir de seu interior, transforme a sociedade. Esta transformação é a própria finalidade da evangelização (cf. EN 18). A Igreja, por isso, fundada nAquele que tudo regenera, *“procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios”* (EN 18).

Reconhecer em todas as coisas – *quer comais, quer bebais* (cf. 1Cor 10, 31) – a mão misericordiosa do Senhor é a cultura nova que, ao mesmo tempo que alimentada pela força do Espírito, exprime sua mudança na sociedade. Assim foi com a primeira comunidade dos cristãos: *“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma”* (At 4, 32). A mudança entre eles chegou a tal ponto que *“tudo entre eles era posto em comum”* (At 4, 32).

Na nossa época vivemos um certo cinismo compartilhado, um indiferentismo diante do significado da vida que afeta também os batizados (cf. CV 78); muito pelo fato dos cristãos vivem hoje *“lado a lado com os não-crentes e de receberem constantemente o contrachoque da increduli-*

dade. Além disso, os não praticantes contemporâneos, mais do que os de outras épocas, procuram explicar e justificar a própria posição em nome de uma religião interior, da autonomia ou da autenticidade pessoal” (EN 56).

Mas da mesma forma que os primeiros cristãos, também hoje somos alcançados pela ação restauradora de Cristo. É preciso pedir ao Senhor a Graça de reconhecê-lo! É através do testemunho de corações verdadeiramente convertidos que é possível reencontrar a alegria da fé:

“Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tímidos ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora. Na realidade, o seu centro e a sua essência são sempre o mesmo: o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado” (EG 11).

Importante é considerar, no entanto, que este é um processo, a ser desenvolvido ao longo do tempo, como é característico do *homo viator*. Esta percepção do horizonte humano, *“permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos. Ajuda a suportar, com paciência, situações difíceis e hostis ou as mudanças de planos que o dinamismo da realidade impõe” (EG 222).*

A celebração da Eucaristia nas “periferias existenciais” é uma experiência que faz a nossa Arquidiocese crescer. Além das ações de acolhimento, mas antes, na sua raiz, inúmeras celebrações são realizadas naqueles lugares considerados inóspitos. Assim foram as Celebrações Eucarísticas junto aos dependentes de drogas, na “Cracolândia”, junto aos centros de detenção, incluindo aquele destinado aos menores infratores. Além destes momentos, muitos outros sustentam e impulsionam todas as ações realizadas. Merece destaque a Trezena de São Sebastião, na qual a imagem do Padroeiro da cidade, peregrinando por toda a Arquidiocese, acompanha as celebrações Eucarísticas nos mais diversos pontos, buscando alcançar sobretudo aqueles mais necessitados. As peregrinações culminam na grande procissão pelas ruas da cidade.

Recebei, pois, a instrução (cf. Sb 6, 25)

Sem uma educação integral, que empenhe a liberdade humana, não será possível estabelecer a cultura do encontro. É preciso que as novas

gerações tenham acesso a uma educação que favoreçam não só o desempenho da função profissional, mas também o desenvolvimento das próprias capacidades, incluindo aquelas que permitam à pessoa abrir-se e *“tornar-se consciente da própria dignidade e responder à sua vocação, empenhando-se no serviço de Deus e dos outros homens”* (GS 31).

A família é o elemento fundamental na educação. Importante, portanto, é lembrar que são os *“esposos, primeiros responsáveis pela procriação e educação dos seus filhos”* (CIC 2372) e que, para tanto, eles devem ter *“o direito de escolher para eles uma escola que corresponda às suas próprias convicções. É um direito fundamental. Tanto quanto possível, os pais têm o dever de escolher as escolas que melhor os apoiem na sua tarefa de educadores cristãos”* (CIC 2229).

Ocorre que muitas vezes o Estado ultrapassa as fronteiras da sua competência e traz para si a prerrogativa educadora dos pais. Além disso, sob a égide do Estado *“laico”* por vezes escondem-se ideologias que são simples expressões de ateísmo ou de fundamentalismos, impedindo *“o encontro entre as pessoas e a sua colaboração para o progresso da humanidade”* (cf. CV 56). Muitas vezes estas formas de ateísmo afirmam que se opõem à religião porque, segundo elas, *“na medida em que, dando ao homem a esperança duma enganosa vida futura, o afasta da construção da cidade terrena. Por isso, os que professam esta doutrina, quando alcançam o poder, atacam violentamente a religião, difundindo o ateísmo também por aqueles meios de pressão de que dispõe o poder público, sobretudo na educação da juventude”* (GS 20).

Outro aspecto ainda a observar-se é que *“se se quer conseguir mudanças profundas, é preciso ter presente que os modelos de pensamento influem realmente nos comportamentos. A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. Caso contrário, continuará a perdurar o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado”* (LS 215).

De qualquer forma, *“O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento*

progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude” (EG 64).

Por isso é fundamental que os pais tenham condições de educar seus filhos para a liberdade. Onde, de uma forma crítica, as novas gerações sejam provocadas a optar pelo bem dentro de um reto juízo.

“É inevitável que cada filho nos surpreenda com os projetos que brotam desta liberdade, que rompa os nossos esquemas; e é bom que isto aconteça. A educação envolve a tarefa de promover liberdades responsáveis, que, nas encruzilhadas, saibam optar com sensatez e inteligência; pessoas que compreendam sem reservas que a sua vida e a vida da sua comunidade estão nas suas mãos e que esta liberdade é um dom imenso” (AL 262).

O Estado, então, aparece como elemento garantidor das liberdades, distribuindo a ajuda pública de forma que os pais, de qualquer condição social, possam escolher a formação que for mais adequada a seus filhos (cf. DAp 340).

“Portanto, a nenhum setor educacional, nem sequer ao próprio Estado, se pode outorgar a faculdade de se reservar o privilégio e a exclusividade da educação dos mais pobres, sem com isso infringir importantes direitos” (DAp 340).

Neste sentido, a Arquidiocese, através do seu Vicariato para a Educação, orienta a todos os pais e responsáveis que peçam o ensino religioso confessional.

Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho (Jo 5, 17)

O ser humano, então, educado em uma cultura de comunhão no Senhor, pode desempenhar o seu papel no mundo, desenvolvendo-se e contribuindo com a obra de Deus (cf. GS 34). Ocorre que no mundo, marcado pelo pecado, a atividade humana decai para um individualismo, onde “os homens e os grupos consideram apenas o que é seu, esquecendo o dos outros” (GS 37). Assim a sociedade que se constrói acaba marcada pelas injustiças e pelos conflitos. De fato, “se o Senhor não edificar a casa, em vão labutam os seus construtores” (cf. Sl 127, 1). O joio e o trigo

convivem (cf. Mt 13, 24-30) tornando premente a ação missionária transformadora do ser humano e, conseqüentemente, da sociedade. Somos aqui – todos os batizados – convocados a sermos trabalhadores da vinha: “*Não há lugar para o ócio, uma vez que é tanto o trabalho que a todos espera na vinha do Senhor*” (CL 3). Somos, portanto, convidados a participar da obra criadora do Pai e também da missão restauradora do Filho. De fato,

“A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo a Ele no nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus” (LS 236).

O pobre, o de espírito abatido, o que treme diante de minha palavra (cf. Is 66, 3)

Fiéis à missão que o Senhor nos chama, também temos os nossos olhos voltados àqueles que padecem nesse mundo entre “*espinhos e cardos*” (cf. Gn 3, 18). “*O desemprego, a injusta remuneração pelo trabalho e o viver sem querer trabalhar são contrários ao desígnio de Deus*” (DAP 121).

A falta de emprego afeta a serenidade das famílias (cf. AL 25) e está diretamente ligado à pobreza (cf. CV 63). A Igreja, por isso, volta-se a todos “*os abandonados e marginalizados pela nossa sociedade de consumo: doentes, deficientes físicos, pobres, famintos, emigrados, refugiados, prisioneiros, desempregados, crianças abandonadas, pessoas sozinhas e idosas*”. Também para as “*vítimas da guerra e de toda a espécie de violência da nossa sociedade permissiva*” (cf. CL 53) e conclama a todos os seu fiéis a que se esforcem “*em favor de uma mais rápida superação das numerosas injustiças que provêm de deficientes organizações do trabalho, transformando o lugar de trabalho numa*

comunidade de pessoas respeitadas na sua subjetividade e no seu direito à participação, desenvolvendo novas formas de solidariedade entre aqueles que tomam parte no trabalho comum, fomentando novos tipos de empresas e revendo os sistemas de comércio, de finanças e de intercâmbios tecnológicos” (CL 43).

Merece destaque também o flagelo das drogas, tão comum nos nossos centros urbanos. Trata-se de um problema que “*não reconhece fronteiras, nem geográficas, nem humanas. Ataca igualmente a países ricos e pobres, a crianças, jovens, adultos e idosos, a homens e mulheres*” (DAP 422). Neste sentido, a Igreja propõe-se a tarefas ligadas à prevenção, acompanhamento e apoio:

“Na prevenção, insiste na educação nos valores que devem conduzir as novas gerações, especialmente o valor da vida e do amor, a própria responsabilidade e a dignidade humana dos filhos de Deus. No acompanhamento, a Igreja está ao lado do dependente para ajudá-lo a recuperar sua dignidade e vencer essa enfermidade. No apoio à erradicação da droga, não deixa de denunciar a criminalidade sem nome dos narcotraficantes que comercializam com tantas vidas humanas, tendo como objetivo o lucro e a força em suas mais baixas expressões” (DAP 422)

Além disso, as diferenças econômicas e o desperdício agravam o problema da fome e da miséria. Populações “*das periferias urbanas e das zonas rurais – sem-terra, sem-teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos*” (cf. EG 191), chamam a atenção ao nosso olhar cristão e não nos permitem acomodações: “*há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora*” (EG 195). Entretanto, este “*compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro*” (EG 199). É preciso, portanto, um coração transformado, que saia na direção daqueles que mais necessitam.

“O sentido unitário e completo da vida humana proposto pelo Evangelho é o melhor remédio para os males urbanos, embora

devamos reparar que um programa e um estilo uniformes e rígidos de evangelização não são adequados para esta realidade. Mas viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho, em qualquer cultura, em qualquer cidade, melhora o cristão e fecunda a cidade” (EG 75).

Seja o vosso “sim”, sim e o vosso “não”, não (Mt 5, 37)

Ao transformar a sociedade em que vive, o cristão – fermento na massa – empenha-se em todas as suas esferas. O leigo não pode ter duas vidas paralelas:

“por um lado, a vida chamada ‘espiritual’, com os seus valores e exigências; e, por outro, a chamada vida ‘secular’, ou seja, a vida da família, do trabalho, das relações sociais, do empenho político e da cultura. A vide, incorporada na videira que é Cristo, dá os seus frutos em todos os ramos da atividade e da existência. Pois, os vários campos da vida laical entram todos no desígnio de Deus, que os quer como o ‘lugar histórico’, em que se revela e se realiza a caridade de Jesus Cristo para glória do Pai e ao serviço dos irmãos. Toda a atividade, toda a situação, todo o empenho concreto – como, por exemplo, a competência e a solidariedade no trabalho, o amor e a dedicação na família e na educação dos filhos, o serviço social e político, a proposta da verdade na esfera da cultura – são ocasiões providenciais de um contínuo exercício da fé, da esperança e da caridade” (CL 59).

É verdade que a “Igreja que, em razão da sua missão e competência, de modo algum se confunde com a sociedade nem está ligada a qualquer sistema político determinado, é ao mesmo tempo o sinal e salvaguarda da transcendência da pessoa humana”. Por sua vez os, “fiéis leigos não podem ficar indiferentes, estranhos e indolentes” (cf. CL 42). Contra esta tentação do imobilismo social o cristão leigo deve lembrar

“do direito e simultaneamente do dever que têm de fazer uso do seu voto livre em vista da promoção do bem comum. A Igreja louva e aprecia o trabalho de quantos se dedicam ao bem da nação e tomam

sobre si o peso de tal cargo, em serviço dos homens” (GS 75). De fato, a “opção preferencial pelos pobres exige que prestemos especial atenção aos profissionais católicos que são responsáveis pelas finanças das nações, aos que fomentam o emprego, aos políticos que devem criar as condições para o desenvolvimento econômico dos países, a fim de lhes dar orientações éticas coerentes com sua fé” (DAp 395).

PARTE III

Maria: síntese da vida de Eucaristia

Fazei tudo o que Ele vos disser! (Jo 2, 5)

Maria Santíssima é a perfeita síntese da ligação entre a Eucaristia e as ações amorosas decorrentes desta comunhão. Ela que, perfeitamente ligada à vontade do Pai, adere a esta vontade sem nada interpor. Maria sempre virgem! Nela a obediência é perfeita, sem obstáculos. Cheia de Graça! O Mistério, o Significado Último da vida, nela adquire vida. Sua vida, marcada pelo Verbo feito carne, se desdobra então, num sair de si em direção à vontade de um Outro. Maria da Anunciação! Todas as gerações a chamam de bendita. Por sua presença portadora de outra Presença faz o menino pular no ventre de Isabel. Paradigma da nossa presença no mundo. Nós que carregamos um tesouro em vasos de argila. Maria de Belém! Ela que se maravilha junto com os pastores e com os reis magos o Significado feito homem. Maria oferente! Descobre que a Oferta de Deus é anterior; que traz a “espada” ao mesmo tempo que nos deixa “ir em paz”. Maria do exílio! Foragida, mas nunca desamparada. Sempre confiando na providência e sempre guardando todas estas coisas no seu coração. Maria do sofrimento! Mulher experimentada em dores; corredentora nossa. Junto à Cruz assume a nossa filiação. Maria exultante! Percebe a letícia da ressurreição como só ela poderia perceber. Mãe da Igreja! O Espírito Santo – tão próximo a si – agora manifesta-se ao mundo inteiro!

“Fazei o que Ele vos disser”! Maria, nossa mãe, resume toda a ação neste chamado! Atenta às necessidades presentes, intercede junto ao Filho (cf. Jo 2, 2). A nós, servos inúteis (cf. Lc 17, 10), cabe fazermos

tudo o que Ele disser. Ainda assim, mesmos atentos à Sua Palavra, como é difícil fazermos “tudo”!

Maria é o modelo das ações de misericórdia. Ela é a portadora da Eucaristia por excelência. A ela recorreremos para que o Senhor transforme os nossos corações, pela carne e sangue de seu Filho e, portanto, possamos transformar a realidade conforme os desígnios do Senhor que ultrapassam toda a medida humana.

SIGLAS

AL	Amoris Laetitia
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CL	Christifideles Laici
CV	Caritas in Veritate
DAP	Documento de Aparecida
DCE	Deus Caritas est
EE	Ecclesia de Eucharistia
EG	Evangelii Gaudium
EN	Evangelii Nuntiandi
GE	Gaudete et Exsultate
GS	Gaudium et Spes
LS	Laudato Si
MN	Mane Nobiscum Domine
QA	Querida Amazônia
RH	Redemptor Hominis

RESUMO ESQUEMÁTICO

PARTE I

Eucaristia: Correspondência ao desejo do coração humano

*Minha alma tem sede de vós, minha carne também vos deseja,
como terra sedenta e sem água! (Sl 62, 2)*

- Carências de ordem material, moral e espiritual: “*dai-lhes vós mesmos de comer*”

- nossa limitada capacidade: *“só temos cinco pães e dois peixes”*
- longe de ser um desestímulo para a Igreja que caminha, é antes o sinal da Misericórdia do Senhor, que realiza, através da nossa pobre humanidade, o Encontro com o ser humano, faminto e sedento.

Mudança de Época

- Perda da concepção integral do ser humano, da sua relação com Deus, com o mundo e o próximo.
- Parece que aquela sede e fome que traz dentro de si, pode ser saciada pelo consumo.
- Pessoas e coisas são consumidas como objetos de um individualismo
 - aumenta ainda mais a angústia,
 - provoca no mundo uma desordem e um desequilíbrio.
- Samaritana,
 - saciedade enganadora – *“tiveste cinco maridos,*
 - não é capaz de satisfazer – *“dá-me dessa água*
 - a sede do Senhor: *“dá-me de beber!”*
 - › sede pelo coração humano
 - › o Senhor manifesta o seu protagonismo no relacionamento com o ser humano.
 - › expressão da Misericórdia do Seu Coração, com a sede do coração humano,
 - › transformação da correspondência
 - transborda em testemunho: *“Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram em Jesus por causa da palavra da mulher que testemunhava”*
 - › não nos justificamos *“pelas nossas obras ou pelos nossos esforços, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa”* (GE 52).

A redução do chamado

- mentalidade mundana e funcionalista
 - penetra a expressão religiosa,
 - busca-se a fé de maneira imediatista,
 - interesse pela obtenção de resultados
- pelagianismo
 - *“parece submeter a vida da graça a certas estruturas humanas”*

- Gnosticismo
 - *Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo*
- Reduz a vida da Igreja
 - *numa peça de museu ou numa propriedade de poucos*
 - não é atraente
 - não é capaz de satisfazer o desejo do coração humano.
 - Porém, *Jesus surpreende-nos com a sua constante criatividade divina!*
- Empobrecimento da vida de comunhão,
 - a fé deixa de ser um relacionamento real com a pessoa de Cristo
 - mais um tipo de serviço a ser consumido
 - não toca a profundidade do coração, que permanece indiferente à vida da Graça.
- dez leprosos
 - o encontro com o Senhor r reduzido a interesse funcional.
 - o samaritano curado percebe que havia encontrado o significado da própria vida
 - › retorna, estabelecendo um novo tipo de relacionamento
 - › não era mais suficiente a cura
 - › precisava que a sua sede de significado fosse correspondida.
 - › Os outros leprosos,
 - saciados nas suas necessidades imediatas
 - sem deixarem-se transformar
 - › Jesus também manifesta a Sua sede
 - “*Não foram dez os curados?*”
 - desejo pela regeneração integral da Sua criatura.

Cristo Redentor

- imagem do Cristo Redentor, de braços abertos
 - sinal, já incorporado à paisagem carioca, é um chamado de atenção
 - › nossa missão
 - › tentação da nossa indiferença.
 - caminhamos sem nos darmos conta deste abraço
 - › o Senhor não nos abandona nas nossas próprias fragilidades.
 - seu Espírito traz sempre uma novidade

- o Senhor veio ao nosso encontro e restaurou a dignidade humana.
- › povo novo chamado a colaborar na reconstrução do mundo: o Corpo de Cristo – a Sua Igreja.

Este é o dia que o Senhor fez para nós (Sl 117)

- a Igreja não pode ignorar o mundo em que está inserida, considerando
- é instrumento desta transformação.
- Corpo de Cristo, mantém no tempo e na história a Boa Nova

Eu sou o pão da vida (Jo 5, 35)

- O desejo de infinito do coração humano descobre a sua perfeita correspondência neste encontro com Jesus.
- *A Eucaristia arrasta-nos no ato oblativo de Jesus. Não só de modo estático que recebemos o Logos encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação*
- A Misericórdia de Jesus nos encontra, portanto, hoje como há dois mil anos,
 - nos convida a viver a unidade do amor a Deus e ao próximo:
- Atende à missão
 - a Igreja transforma-se naquilo que anuncia.
 - sagrada tarefa de ser pão para todos aqueles que têm fome.

Vinde Senhor Jesus! (cf. Ap 22, 20)

- A Eucaristia
 - obriga a todos que dela participam à transformação da vida: sua e do mundo
 - antecipando, portanto, a “alegria plena prometida por Cristo; de certa forma, é antecipação do Paraíso”
 - empenha a todos num frutificar-se em obras.
 - ímpeto manifestado no “lava-pés”.
 - *A Eucaristia, construindo a Igreja, cria por isso mesmo, comunidade entre os homens*
 - A esta comunhão todos são chamados a participar

Chega aos confins do universo a sua voz (Sl 18, 5)

- Esse encontro pessoal que responde aqui e agora às exigências profundas do coração humano
 - levam necessariamente a anunciá-lo
 - correspondemos com uma vida transformada
 - transborda em anúncio
 - como os discípulos de Emaús,
 - Não é mais possível permanecer centrado em si,
 - necessário ir em direção do outro e compartilhar o acontecimento do encontro
- para nós hoje o encontro com o Senhor na Eucaristia.
 - *sempre esteve no centro da vida da Igreja.*
 - *Por ela Cristo torna presente, no curso do tempo, o seu mistério de morte e ressurreição*
 - *unidade das duas “mesas” — a da Palavra e a do Pão”*
- Jesus escandaliza:
 - quem *“come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele”*
 - passando *“da apresentação fundamental do seu mistério à ilustração da dimensão eucarística propriamente dita”*
 - resposta de Pedro enfatiza a Palavra que dá significado à vida
- A Palavra de Deus e a Liturgia Eucarística permanecem intrinsecamente ligadas
- dom que o Senhor nos participa, ao mesmo tempo nos empenha na sua missão redentora:
- Nosso tempo
 - centrado no individualismo
 - e não é capaz de satisfazer a busca de significado da pessoa humana
 - incapacidade de construir a própria sociedade: “anemia” social.

PARTE II

Eucaristia: a força transformadora

Que é o homem, para dele assim vos lembrardes; o filho do homem, para o tratardes com tanto carinho? (cf. Sl 8,5)

- Participantes da graça de Deus
 - compelidos a exprimi-la
 - Experimentando ainda que de modo imperfeito, a alegria trinitária
 - queremos compartilhá-la com todo o mundo.

Dos órfãos ele é pai, e das viúvas protetor (Sl 67)

- Participamos da missão do Filho e do Espírito Santo
- O Povo de Deus, porque apaixonado pelo Mestre, busca corresponder àquele Amor Misericordioso pelo qual foi chamado
- correspondência, no amor ao próximo
- o amor ao próximo não pode ser reduzido a um mero sentimento.
 - *centelha inicial*” (cf. DCE 17),
 - sem o empenho da vontade, viria logo a decair
 - a partir da comunhão com o Senhor, o nosso querer e o nosso pensar vão transformando-se no olhar que Jesus Cristo tem sobre todas as co

O Reino de Deus está próximo (Mc 1, 15)

- É preciso observar o ser humano na sua integralidade.
- são fundamentais para a vida dos cristãos, todos os elementos que possam contribuir para o desenvolvimento humano, sejam eles familiares, sociais, culturais, econômicos e políticos
- A Igreja tem, portanto, o dever de anunciar e ajudar a *libertação*
 - libertação não pode ser reduzida às dimensões econômicas, políticas, culturais e sociais
 - não pode ser apenas a expressão de “*uma estratégia qualquer, ou de uma práxis ou ainda de uma eficácia de curto prazo*”
 - A libertação deve incluir a “*sua abertura para o absoluto*”
 - sem considerar apaixonadamente o *anúncio cada estrutura eclesial transformar-se-á em mais uma ONG*
 - estar atento à realidade como ela se apresenta a nós.

- realizar “*obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra.*”

Uma só carne (Mt 19, 6)

- problemas enfrentados pela família
 - o *bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar*
 - a *dignidade desta instituição* vem sofrendo, tem um impacto terrível para a sociedade.
 - A cultura individualista dificulta enormemente o desenvolvimento da capacidade de ir ao encontro do outro.
 - dificuldade de perceber a vida como dom, chegando-se ao absurdo de banalizar a “*infâmia do aborto e da eutanásia*”
 - que as ações pastorais reflitam um verdadeiro “*esforço evangelizador e catequético*”, numa ligação efetiva com os, “*problemas reais das pessoas*”

E Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom (Gn 1, 31)

- missão profética – denunciar tudo aquilo que degrada a dignidade humana.
- A vida humana tem um valor intrínseco que só pode ser integralmente compreendida à luz do Verbo encarnado

Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância (Jo 10,10)

- Diante desta “*cultura de morte*” todos os batizados são chamados a pôr-se em movimento
- Em particular estão naturalmente envolvidos em uma ação mais direta “*os pais, os educadores, os agentes da saúde e todos os que detêm o poder econômico e político*”
- Ações propostas pelo CELAM, em Aparecida;

Por tudo dai graças (1Tes 5,18)

- É necessária uma mudança cultural na qual o ser humano, a partir de seu interior, transforme a sociedade.
 - própria finalidade da evangelização.

- Reconhecer em todas as coisas a mão misericordiosa do Senhor é a cultura nova
 - alimentada pela força do Espírito,
 - exprime sua mudança na sociedade.
 - primeira comunidade dos cristãos
- Na nossa época
 - cinismo compartilhado
 - indiferentismo diante do significado da vida que
 - afeta também os batizados
 - cristãos vivem hoje *“lado a lado com os não-crentes e receberem constantemente o contrachoque da incredulidade*
 - *não praticantes contemporâneos procuram explicar e justificar a própria posição em nome de uma religião interior, da autonomia ou da autenticidade pessoal*
 - também hoje somos alcançados pela ação restauradora de Cristo
 - É através do testemunho de corações verdadeiramente convertidos que é possível reencontrar a alegria da fé:
- é um processo, a ser desenvolvido ao longo do tempo, como é característico do *homo viator*.

Recebei, pois, a instrução (cf. Sb 6, 25)

- educação integral, que empenhe a liberdade humana
 - que favoreçam não só o desempenho da função profissional, mas também o desenvolvimento das próprias capacidades,
- A família é o elemento fundamental na educação.
- muitas vezes o Estado ultrapassa as fronteiras da sua competência
 - Sob a égide do Estado *“laico”* por vezes escondem-se ideologias que são simples expressões de ateísmo ou de fundamentalismos
- *os modelos de pensamento influem realmente nos comportamentos.*
- *A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza.*
- *O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo*

- *A negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo*
- que os pais tenham condições de educar seus filhos para a liberdade.
- O Estado como elemento garantidor das liberdades, distribuindo a ajuda pública

Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho (Jo 5, 17)

- O ser humano educado em uma cultura de comunhão no Senhor
 - pode desempenhar o seu papel no mundo, desenvolvendo-se e contribuindo com a obra de Deus (cf. GS 34).
- No mundo, marcado pelo pecado, a atividade humana decai para um individualismo,
- todos os batizados são convocados a participar da obra criadora do Pai e também da missão restauradora do Filho.

O pobre, o de espírito abatido, o que treme diante de minha palavra (cf. Is 66, 3)

- olhos voltados àqueles que padecem
- A falta de emprego afeta a serenidade das famílias
- flagelo das drogas
 - a Igreja propõe-se a tarefas ligadas à prevenção, acompanhamento e apoio:
- diferenças econômicas e o desperdício agravam o problema da fome e da miséria.
 - não permitem acomodações:
 - *não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro*

Seja o vosso “sim”, sim e o vosso “não”, não (Mt 5, 37)

- o cristão empenha-se em todas as suas esferas. O leigo não pode ter duas vidas paralelas: a espiritual e a secular
- *a Igreja de modo algum se confunde com a sociedade nem está ligada a qualquer sistema político determinado*

- Por sua vez os, *“fiéis leigos não podem ficar indiferentes, estranhos e indolentes*
 - o cristão leigo deve lembrar *do direito e do dever de fazer uso do seu voto livre em vista da promoção do bem comum.*
 - a *opção preferencial pelos pobres exige atenção aos profissionais católicos responsáveis pelas finanças das nações, que fomentam o emprego, aos políticos que devem criar as condições para o desenvolvimento econômico dos países*

PARTE III

Maria: síntese da vida de Eucaristia

Fazei tudo o que Ele vos disser! (Jo 2, 5)

Maria Santíssima é a perfeita síntese da ligação entre a Eucaristia e as ações amorosas decorrentes desta comunhão.

- Maria sempre virgem! Obediência perfeita, sem obstáculos.
- Cheia de Graça! O Mistério adquire vida.
- Maria da Anunciação! Presença portadora de outra Presença
- Maria de Belém! Se maravilha com o Significado feito homem.
- Maria oferente! A Oferta de Deus é anterior; traz a “espada” e nos deixa “ir em paz”.
- Maria do exílio! Foragida, mas nunca desamparada.
- Maria do sofrimento! Assume a nossa filiação.
- Maria exultante! A letícia da ressurreição como só ela poderia perceber.
- Mãe da Igreja! O Espírito Santo – tão próximo a si – agora manifesta-se ao mundo inteiro!

Somos servos inúteis (cf. Lc 17, 10). Mesmos atentos à Palavra, como é difícil

Maria modelo das ações de misericórdia. Portadora da Eucaristia. A ela recorremos para que o Senhor transforme os nossos corações para que possamos transformar a realidade conforme os desígnios do Senhor que ultrapassam toda a medida humana.